

O
HELIOTROPIO

05 DE MAIO
DE 1861

O HELIOTROPIO.

PERIODICO RECREATIVO.

1881. segunda-feira 5 de maio. N. 19.

O Heliotropio publica-se uma vez por semana. Subscryva-se á rua direita n. 107 a custo de 320 reis mensues, pagos adiantados.

O HELIOTROPIO.

Nada existe no mundo que se não possa desacreditar, segundo diz (Balmes)

Terrivel verdade, na qual está o segredo dos *Copistas litterarios*.

Estará sua causa na indifferença, (e se assim se pode fallar) no jornalismo?

Não ha referença se não a os jornaes.

Nos jornaes escreve quem quer. se ha dinheiro e se um sabio escreve muitas vezes, eis que apparece um senhor Domingos que llo diz, Vm. já está deus coberto pelo publico.

Se elle camara-se em apresentar um escripto mais polido, grita-lhe Sr. Thomé, isso não é seu, e assim anda o pobre de Herodes para Pilatos.

E é mister estar do olho vivo com estes meus senhores, a quem se deve responder, sempre sou um seu criado.

Na terrivel immentidade de piratas que atacam a litteratura, confundem-se os escriptos, quando um jornal sabe do prelo, logo uns dizem, isto é de Pedro, outros de Paulo, e enfim, cada um arvora se de set livros, Ha melande, improvisa um pedaço, e lá sabo um escripto.

Diz Girardin(eo mais é que tem razão) que o jornalismo não pode estar em peiores circumstancias, por quanto niu-

lo fraxo é o laço da auctoridade, o grande o numero dos *semi sabios*, que nada duvidam, e dos ignorantes que tudo creem,

Eis a razão de haver tão grande numero de *Aclôres* que despodam o *Heliotropio*, o qual não aspira fazer selta, o sim procura oximir-se da virga da opinão despotica, e para que continuar mais, leitores?

O *Heliotropio* não escreve satyras, onfim deixar o *Heliotropio* que paroca nada para vós valor.

Para que argumentos?

Uns escrevem porque sabem, outros porque tem vontade, uns por quererem-se inculcar, e serem fallados, outros por se illustrarem, enterterem, e recrearem.

Ora, bom claro está que os sabios não desfiam nos outros, são elles os sabios porque conhecem da materia, sabem desculpar, não abatem os ignorantes, pelo contrario, desculpão-os, incobrem-lhes as faltas, nisto se susom grandes, e sabios; o ignorante é só possquizar, em erro ou descuidos, para de-clara-lo ao publico, e nisto se faz grande na hestoria . . . este é o reconhecido ignorante, Zero, e pedante, que per-tendendo dar a mão áquelle para o levantar, mas cai aos seus pés abatido: Torna-se o ignorante, sabio, prodente, entre aquelles, porque, indaga de um, pergunta a outro, caminhando como

cego pela mão em caminho seguido e trilhado.

« *soldado*. . . » Um soldado me revela, o que foi o que é e o que será.

Logo temos tres especies de conhecimentos, a primeira é o sabio prudente, a segunda é dos que presumem saber e querem fazer-se sabios, e tornão-se pedantes; pensão abater, e fleão elles abalidos; terceira é verdadeiramente os ignorantes, que as vezes se tornão sabios entre aquelles, porque a ignorancia os torna illustrados com as lições ou dictames dos outros.

Talves que para vós, leitor, um soldado seja um objecto de desprezo: mais ah! quanto vos enganaes! . . . — Oavi Qapa é que, primeiro soa o sobli-me brado do patriotismo? sois vos? Quem é que, primeiro soa o sobli-servidores da Patria; é « o soldado » Quem é que primeiro corre ao zumbir o echo das cornetas e tambores?!

Aqui temos patentes exemplos nos Srs. escriptores jornalistas, que se aburrão completamente em suas occupações intusiasmadas pretendendo fazer sua vida em pesquisas, para por este meio dirigirem descompusturas, insultos, e ataques, a este, ou aquelle, ao desaffecto, calunniando com pensamentos futuros: mas qual a resposta justa que merecem? — O desprezo — e neste se funda o *Heliotropio*.

Quem é que voa ao troar do canhão? Quem é que se acha no descampado campo da batalha, e da honra? sois vos? não! . . . é o soldado que largando a dura cama vò a seu posto para deffen ler a Patria, em quanto que vós vos dechais ficar nas vossas molles, e esculadas. Vos leitor, se sois um soldado, recebei um peito amigo, mesmo em signal de lealdade.

Segui. . . Caminhai no vossa caminho de honra, e só parai quando este caminho passar ou ficar-se.

O MILITAR

Basta pronunciar para dizez tudo quanto exprime este nome « o Militar » — Cumpridor de vos deveres, fiel guardador das leis, verdadeiro constitucional é o que revela.

Infelizmente em alguns payzes como o nosso, não se sabe apreciar o merito, e deheção de um soldado! . . . Se o soldado sem collocar-se na sociedade no primeiro lugar. Nos reunioes nos primeiros grupos, e no Parlamento na primeira tribuna. Napoleão! Napoleão! repete ainda o passado! Napoleão! diz o presente, Napoleão dirá o futuro! . . . E quem é esse que tanto assombrava?! E quem era este a quem só bravos se curvava?! E quem era este de quem, os sabios filitão? Ouera soldado *o ca* . . .

Ela todos Camaradas
Nosso hymno entoar;
Vamos vamos todos junctos
Nossa classe decantar.

- « Avante, . . . avante soldado
- « Tua Patria deffender
- « Avante, e morra quem
- « Por ella nao quer morrer.

ELLA

Amiga amiga d. . .

Vi-a! como era formosa! Alvejava aluz do luar, como á aquicopa. Os socolhos erão do mais puro azul celeste, e parecião relear a cerebidade do firmamento. Dos labios lhe pendiam uns sorrisos melancolicos. Oh quanto era bella! assim! . . . El

la tinha na frente a innocencia dos quatorze annos, com a maliciosa gravidade da mulher que nasce para ser nos! . . . que mesmo as fadas não os adorada.

Quando os desasete contava, vi uns olhos tão lindos, tão meigos, tão ter vilado da mulher que nasce para ser nos! . . . que mesmo as fadas não os adorada. tem assim.

Vi-a! e meo coração adivinhou que palecia graves tormentos; por que a face da felicidade, quando transborda e bem amarga.

Estes olhos scintillantes abrasarão-me o coração. . . roubarão-m'o! . . . Morri, amigo, morri de amor, por elles que não parecem de mulher, mas sim de um anjo. Quantas vezes, oh!

Era uma noite embalsamada de insidias ondulações, a qual como que transformou-me, sobre as voluptuosidades da brisa para os acrios espacos em que a imaginação vae perder-se attonita.

Quantas vezes, oh! quantas. . . o zomir do bronze annunciava, meia noite! . . . tudo em silencio, tudo dormindo, e só eu velava, meditando em meu anjo, meditando em meu amor?! . . . Na imagem se m'apresentava quer dormindo, ou velando!

Ai como estava formosa! Calle o peito teo os seus suspiros, corte a tua mente os seus desejos, porem desira o coração os vòs para que está convidando a candura d'este anjo que a sorte benigna, se cumpra de mostrar-te.

Ha mais de um anno, no correr dos tempos! . . . e ainda hoje esta vizão me persegue!

Am-a! Sim. Por que amulhei nascio para ser amada. A innocencia de sua gentil imagem te deve acompanhar por toda parte. Ama-a, amasa como nunca amaste a outra, ama-a, por que este é o teu amor primeiro,

Ha mais de um anno! . . . e meu coração, em chamas, está prestes a se extinguir!

Parahyba 17 de Abril de 1861.

CARTA DE UM PARAHYBANO A UM SEU AMIGO EM OUTRA PROVINCIA.

« Por motivos de preça sabio, no n. 17. d'este jornal, com alguns erros, uma carta de um Parahybano á um seu amigo em outra provincia, e por isso a pedido a transcrevemos. »

Onde podemos achar allivio á dor, se não em um peito amigo?!

Quantas vezes sentimos os rigores do amor, e ficamos como que alliviados contando-os a um amigo fiel que tambem os sabe sentir?!

Amigo, vou em vosso seio depositar minha dor, e espero vos compalegões le mim.

C. C. Envelhecia se, em minha algibeira, o *envelope*, máxucava-se, e eu sempre reformando-a, sem que possesse, ou tivesse coragem de a entregar. Se nma vez enchias-me de coragem para isso, não tinha occasião, ou se tenha, a mão tremia, o coração batia, perturbava-me, e que por fim, desesperado um dia, venlo baldada minha pretensão, rompi a causada carta, maldizendo minha sorte; em quanto que talvez minha amada surria-se innocente, ou soltava sua doce voz, voz que embran-lece o mais empederido coração, dedilhando seu sonoro violão. Eis, amigo, eis qual têm sido do minha sorte!

Quantas vezes junto a ella teube, com voz tremula, cantando pedaços que bem a poderião enternecer si accosos entendesse, ou soubesse que eu

a amava? Mas que digo!!... Será por venturo á minha amada desconhecido esse amor! ? Quem sabe!...

Quem sabe si ella já não tom lido em meu semblante, e em minha pertubação, quando em sua presença?!

Quem sabe, si alguém, aquem tivesse eu talvez, em meu delirio, confessado tal amor, o declarasse a ella, e ella o dispensando não me tenha dado a conhecer para meu maior tormento?!

Ai! amigo, basta! Teria mais a dizer-vos, si acaso a der, que ora me persegue, a isto me permitisse; e finalizerei dizendo-vos que,

Uns procurão não podem achar,
Outros achão não podem gosar.

MOTE

Não sigas, Bella, os caprichos,
Que os mortaes tem fabricado,
Segue as leis da Natureza,
Felicita um desgraçado.

GLOSA

Bella Nyze, o criador,
Que o mundo fez, e governa,
Que com providência eterna,
He, e foi de tudo author,
He em quem devemos por
Os nosso desejos fixos;
Dos genios que estão prefixos,
Com a maior impiedade:
Em rogar esta verdade
Não sigas, Bella, os caprichos.

Dar a todos a entender
Por fabulo Ceo, e inferno;
Que não ha castigo eterno;
Que nem premio pode haver,
Que ha só naser, e morrer
Sem lembrança de peccado.
He como bruto esfamiado;
He a perversa doutrina,

Só para nosse ruino,
Que os Mortaes tem fabricado

Quem no dia do Baptismo
As luzes da F. recebe,
O bom caracter concebe
No gremio do Christianismo:
Não temer, mas do Abismo
He ser de Lucifer preza:
Na Religião fremeza
He quanto todos convem;
Inculto genio he quem
Segue as leis da Natureza.

O Deus Immortal He possível
Que o C. não, que tu creaste,
Dos teus decretos se afasta,
A' tua voz insensível!
Sua pena era infallível
Por ter a lei quebrantado;
Mas o teu poder sagrado
Fallando lhe ao coração,
O salve da es. ravidão;
Felicita um desgraçado.

CHARADES

Guarda a primeira e segunda
Dos rigores da estação,
E guarde a terceira asduas,
Por amor, e gratidão;
As tres conchegão seo dono,
Seja de inverno, ou verão.

II

A primeira diz aonde,
Esta e segunda cult'va,
Evita a terceira o pó.
E de precepteios priva:
Primeira e ultima afflige;
Nutre segunda e primeira:
Ha nas quintas, e fazendas
A segunda e' a terceira:
O bom comodo dos homens
Nas tres syllabas se encerra
Em couza que serve muito
Na paz e tambem na guerra.